



Reino de Deus como o centro da pregação de Jesus

Kingdom of God as the center of Jesus' preaching

*Tiago de Fraga Gomes**

PUCRS

*Leonardo Agostini***

PUCRS

Recebido em: 15/12/2024. Aceito em: 18/02/2025.

Resumo: *A presente pesquisa, de caráter teórico-bibliográfico, busca ressaltar a relevância que o tema do Reino de Deus tem na pregação de Jesus. Para isso, parte-se da perspectiva mais ampla que este tema descortina no contexto da fé judaico-cristã. Os temas do Reino de Deus, da Aliança e da Eleição estão interligados, e marcam profundamente a tradição teológica e espiritual de Israel. YHWH escolheu Israel como seu povo e sua soberania manifesta-se na realização das promessas que compõem um pacto de fidelidade. Israel experimenta a soberania de Deus nas intervenções divinas na história em favor de seu povo eleito. Em Israel, a ideia de Reino de Deus nasce em âmbito religioso, mas repercute nas expectativas sociais e políticas. Jesus nasce e cresce nesse ambiente sociopolítico e religioso marcado da expectativa do Reino de Deus. O escopo da presente pesquisa consiste em analisar, após uma abordagem panorâmica intertestamentária sobre o tema do Reino de Deus, o lugar que o conceito de Reino de Deus tem na pregação de Jesus, seus distintos significados e os motivos pelos quais este é o centro do anúncio do Evangelho. Como aspecto transversal a toda a pesquisa, busca-se enfatizar a importância do tema*

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2020). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCRS. Secretário-Geral da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE). Perito da Comissão para a Doutrina da Fé da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

E-mail: tiago.gomes@pucrs.br.

** Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2025). Decano da Escola de Humanidades da PUCRS.

E-mail: leonardo.agostini@pucrs.br.





do Reino de Deus para o fazer teológico, para a ação pastoral da Igreja e para as relações humanas no seio da sociedade hodierna.

Palavras-chave: Reino de Deus; Jesus de Nazaré; evangelhos; pregação.

Abstract: *This theoretical-bibliographical research seeks to highlight the relevance of the theme of the Kingdom of God in Jesus' preaching. To this end, it begins with the broader perspective that this theme reveals in the context of the Judeo-Christian faith. The themes of the Kingdom of God, the Covenant, and Election are interconnected and profoundly mark the theological and spiritual tradition of Israel. YHWH chose Israel as his people and his sovereignty is manifested in the fulfillment of the promises that make up a pact of fidelity. Israel experiences God's sovereignty in divine interventions in history in favor of his chosen people. In Israel, the idea of the Kingdom of God arises in the religious sphere, but has repercussions on social and political expectations. Jesus is born and grows up in this sociopolitical and religious environment imbued with the expectation of the Kingdom of God. The scope of this research consists of analyzing, after an intertestamental panoramic approach on the theme of the Kingdom of God, the place that the concept of the Kingdom of God has in Jesus' preaching, its different meanings, and the reasons why it is the center of the proclamation of the Gospel. As a transversal aspect to all research, we seek to emphasize the importance of the theme of the Kingdom of God for theological work, for the pastoral action of the Church and for human relations within today's society.*

Keywords: *Kingdom of God; Jesus of Nazareth; gospels; preaching.*

Introdução

A presente pesquisa, de caráter teórico-bibliográfico, busca ressaltar a relevância que o tema do Reino de Deus – βασιλεια του θεού – tem na pregação de Jesus. Para isso, parte-se da perspectiva mais ampla que este tema descortina no contexto da fé judaico-cristã. Os temas do Reino de Deus – מלכות האל / βασιλεια του θεού –, da Aliança – ברית – e da Eleição – בחירות –, estão interligados, e marcam profundamente a tradição teológica e espiritual de Israel. Schnackenburg afirma que o Reino de Deus é princípio/origem – πρότον/αρχή – e finalidade – εσχάτον/τέλος – da história de Israel (1971, p. 10). Já Tillesse ressalta que o tema do Reino de Deus é um ideário tardio do tema mais abrangente da Aliança. YHWH – יהוה – escolheu Israel como seu povo (Ex 19,5-6) e sua soberania manifesta-se na realização das promessas que compõem um pacto de fidelidade (1984, p. 42). Para Galot, o Reino de Deus refere-se ao poder de Deus, que, enquanto Rei supremo, assegura a felicidade e a realização da nação (1979, p. 17). Israel experimenta a soberania de Deus, segundo Schnackenburg, nas intervenções divinas na história em favor de seu povo eleito (1971, p. 11). Sendo assim, em Israel, a ideia de



Reino de Deus nasce em âmbito religioso, mas repercute nas expectativas sociais e políticas.

Jesus nasce e cresce nesse ambiente sociopolítico e religioso, marcado pela expectativa do Reino de Deus. O escopo da presente pesquisa consiste em analisar o lugar que o conceito de Reino de Deus tem na pregação de Jesus, seus distintos significados e os motivos pelos quais este é o centro do anúncio do Evangelho. Para atender a este objetivo, elabora-se uma abordagem panorâmica intertestamentária sobre o tema do Reino de Deus, para, em seguida, centrar-se no Novo Testamento, e mais especificamente nos Evangelhos, com o intuito de explicitar a significação desse conceito, suas características centrais e de que forma toma um lugar central na proclamação pública de Jesus. Em um primeiro momento, aborda-se o tema do Reino de Deus em uma perspectiva intertestamentária. Em seguida, trata-se da relevância deste tema para a pregação pública de Jesus de Nazaré. Como aspecto transversal a toda a pesquisa, busca-se enfatizar a importância do tema do Reino de Deus para o fazer teológico e para as relações humanas no seio da sociedade.

1 βασιλείο του θεού como perspectiva intertestamentária

Em Jz 8,22-23 rejeita-se a ideia de um rei terreno para Israel. Pixley afirma que se YHWH reina sobre Israel, exigir lealdade a governantes humanos seria um sinal de rebeldia (1986, p. 30). No decurso da história de Israel, essa visão se abranda quando o próprio YHWH institui a dinastia davídica (2Sm 7,12-16). Contudo, Galot afirma que a frustração experimentada pelo fracasso da monarquia em Israel, deslocou a expectativa do Reino de Deus para um horizonte mais escatológico, conforme vê-se na profecia apocalíptica de Daniel, onde o Reino de Deus sucede à queda de todos os reinos humanos (Dn 7,13-14) (1979, p. 17). Segundo Schnackenburg, até mesmo os infortúnios históricos sofridos pelo povo de Israel, como o aniquilamento dos reinos de Israel e de Judá, o exílio da Babilônia e a difícil restauração no tempo do domínio persa, fomentaram a ideia de um Reino escatológico (1971, p. 28). No judaísmo tardio, aparecem basicamente duas perspectivas quanto à ideia do Reino de Deus, cuja expectativa é que Deus enviará um Rei Messias, um filho de Davi, para restabelecer o reino de Israel: a de um Messias que restaure Israel, o povo de Deus, libertando-o de seus inimigos e tornando Jerusalém um lugar santo de culto; e a que entende a restauração em um sentido cósmico



escatológico, reforçando a ideia de que YHWH é soberano não apenas de Israel, mas de todo o mundo (1971, p. 62). Na perspectiva cósmica, há um despertar para a sensibilidade de que a salvação não está reservada a um povo, mas destina-se a todos que são bons e justos.

No judaísmo do tempo dos Evangelhos, se fala do Reino de Deus, segundo Dodd, em basicamente dois sentidos: o reino de Israel, que tem Deus como rei, e seu senhorio real é medido na obediência à vontade de Deus expressa na Torá; e o Reino de Deus como esperança futura, uma realidade a se revelar, ultrapassando os limites de Israel, pois o senhorio de Deus destina-se ao mundo inteiro (1974, p. 38-39). Jeremias também identifica duas grandes expectativas a respeito do Reino de Deus no tempo de Jesus, relacionadas a dois eons, sendo um deles presente e outro futuro, como uma realidade já presente e como algo a se realizar em um novo tempo (2008, p. 163). Em Jesus, o Reino de Deus é uma realidade teológica, que carrega uma força escatológica impactante que incide sobre a história. Segundo Moingt, Jesus apresenta o Reino de Deus, sobretudo, em linguagem parabólica, como aberto à acolhida de todos, sem prever uma restauração das glórias passadas ou de um privilégio reservado ao povo de Israel (2008, p. 55).

Na literatura veterotestamentária tardia, a dimensão salvífica do Reino de Deus se alarga, chegando até Jesus e seus contemporâneos. Na compreensão de Grilli, toda a atividade de Jesus se expande desse ponto central e estruturante (2012, p. 92). No entanto, é perceptível um corte interpretativo nesse processo. A forma de entender e interpretar a mensagem e o significado do Reino de Deus ganha originalidade própria na pregação de Jesus. Nitrola ressalta que Jesus retoma a ideia do Reino de Deus, comum no judaísmo, e a torna o coração do seu Evangelho (2001, v. 1, p. 386). Nos Evangelhos sinóticos, o Reino de Deus/Reino dos Céus – *βασιλεία του θεού/βασιλεία των Ουρανών* – não é simplesmente a restauração daquilo que prezava a tradição de Israel: sua glória, sua Lei, seu Templo, mas trata-se da acolhida da ação salvífica de Deus e do apelo à conversão (Mc 1,14-15; Mt 4,12-17; Lc 4,43).

Segundo Pannenberg, no curso de sua vida mortal, Jesus foi uma autêntica presença manifestadora de Deus (1974, p. 155). O Reino de Deus anunciado por Jesus, mostra um Deus preocupado com o ser humano em sua integralidade. Na oferta do Reino de Deus, o ser humano tem salvaguardado seu valor, sendo sempre mais humanizado em essência e em suas potencialidades na direção de um humanismo autêntico. O Reino



de Deus, segundo Amato, na medida em que estimula atitudes de respeito e compreensão recíproca na ordem da colaboração e da afirmação da justiça e da paz, é uma contribuição cristológica para as relações humanas na atualidade (2010, p. 23). O sentido do Reino de Deus, para Pannenberg, como expressão da soberania absoluta de Deus, é o anúncio da salvação oferecida à humanidade na história (1975, p. 12-13). Pannenberg enfatiza que na pregação de Jesus, o Reino de Deus caracteriza-se pelo fato de que o futuro não está distante, mas próximo, sendo capaz de significar o presente, pois ambos, presente e futuro, estão interligados (1971, p. 54). O querigma cristão primitivo tem sua origem na ação histórica de Jesus de Nazaré e em seu mistério pascal – como agir divino na ressurreição de Jesus dentre os mortos (2009, v. 2, p. 398). Contudo, Castillo afirma que é preciso frisar que Jesus não se ocupou de nenhuma religião, em um sentido propriamente institucional, mas do Reino de Deus (2009, p. 93-118). A missão de Jesus não se limitou a reformar o judaísmo, mas em dar-lhe uma orientação nova; e não só à religião judaica, mas à toda religião. Em Jesus, o Reino de Deus não se dirige a uma religião especificamente, mas a religião torna-se relativa ao Reino de Deus, assumindo, assim, um caráter provisório, como um instrumento para o cumprimento da vontade de Deus (2009, p. 104). No horizonte do Reino de Deus, a religião deixa de ser autorreferencial e autocentrada, e só cumpre a sua missão enquanto aponta para o definitivo de Deus.

Em Jesus, o *eschaton*, toma como ponto de partida os eventos da realidade histórica e torna a *anamnese* uma força operativa no presente – sempre provisório e incompleto –, em vista de uma nova realidade possível. A escatologia nutre a utopia; sustenta o sonho de um mundo melhor, mais pleno. Nesse sentido, Kasper afirma que o advento do Reino de Deus solicita e intensifica o agir humano, como um agir colaborativo e transformador (2011, p. 230). Stegemann vai além, designando o Reino de Deus como uma heterotopia enquanto realiza e concretiza as transformações – aperfeiçoamentos ou mudanças – pessoais e sociais, emergentes dos ideários utópicos (2012, p. 414). Sendo assim, para Miranda, o Reino de Deus, como realidade atuante na história, torna a salvação mais presente na medida em que é compartilhada com toda a humanidade (1997, p. 263). É preciso frisar que o resgate do tema do Reino de Deus, ligado à cristologia ascendente – que parte do Jesus histórico, com suas opções e atitudes existenciais – pretende fomentar, em sinergia com a cristologia descendente do Logos, uma cristologia integral.



Cristo é o Logos, a Palavra de Deus comunicada em palavra humana, e a Escritura é Evangelho enquanto remete a Cristo, segundo Von Sinner (2019, p. 2). Apesar disso, Jesus não pregou a si mesmo, mas, como afirma Hammes, falou de um Deus relacional que se revela e intervém na história, e centrou toda a sua atividade no Reino de Deus (1995, p. 116-117), tema central e síntese de toda a sua pregação (Mt 6,33; Lc 12,31), e realidade última de sua existência e de seu ministério. I Segundo Sobrino, Jesus não conceitualizou o Reino de Deus (2000, p. 355), mas falou de sua dinâmica por meio de parábolas (Mt 13,3-52; Mc 4,1-34; Lc 8,4-18), com um teor escatológico e apocalíptico, como já e ainda não. Na comunidade cristã pós-pascal, o senhorio de Deus torna-se uma realidade no senhorio do Cristo exaltado. Orígenes afirma que Jesus Cristo é o Reino de Deus em pessoa (1966, I,I,28). Para Schnackenburg, embora o senhorio de Deus permaneça uma realidade futura, a se cumprir, começa a realizar-se desde já no senhorio de Cristo (1971, p. 270).

Jesus de Nazaré assume e anuncia a dinâmica do Reino de Deus como meta final para toda a humanidade. Segundo Sobrino, o Reino de Deus consiste em uma utopia não triunfalista de Deus para uma humanidade reconciliada (2000, p. 246), onde haja justiça e paz, pela via do serviço (Mt 20,27; Mc 10,44) e da doação de si (Jo 12,24-25) para gerar vida em abundância (Jo 10,10). Pagola acredita que Jesus não pretendeu apenas aperfeiçoar a religião judaica, mas implantar o tão esperado Reino de Deus e, com ele, a justiça e a paz (2013, p. 115). Ratzinger nutre como certeza que a urgência inalienável da missão cristã e das religiões se liga, sobretudo, ao testemunho do Reino de Deus (2007, p. 63), que, para Boff, é a realização da esperança de superação de todas as alienações e de destruição de todo o mal, através da manifestação plena do senhorio de Deus (1983, p. 65). Castillo ressalta que a grande novidade do anúncio jesuânico consiste justamente no fato de que Deus se aproxima do ser humano e o ser humano se aproxima de Deus pelo caminho da humanização (2009, p. 79). Hammes confirma essa posição afirmando que a mensagem do Reino de Deus é uma mensagem de humanização (1995, p. 144). No fundo, o Reino de Deus expressa o desejo de Deus em promover a libertação plena e a felicidade do ser humano.

¹ Sobre isso, ver: SCHNACKENBURG, 1988, p. 947-964; BATALIOTO, 2015, p. 16; HAMMES, 1995, p. 118; JEREMIAS, 2008, p. 159-193; FABRIS, 1988, p. 89-179; THEISSEN, 1989; THEISSEN; MERZ, 2002; MATEOS, 1994; MATEOS; CAMACHO, 1992.



É preciso frisar que a incondicionalidade de Deus põe em questão pretensão universalista do cristianismo enquanto via contingente, o mesmo vale para a Igreja católica em relação ao Reino de Deus. Schnackenburg afirma que o Reino de Deus supera os limites da Igreja (1971, p. 305); Pannenberg diz que a Igreja permanece fiel à mensagem de Jesus se colocar o Reino de Deus como o interesse central de sua atividade (1971, p. 78), sendo sinal de antecipação do senhorio vindouro de Deus e de sua salvação para a humanidade (2009, v. 3, p. 64); Hackmann sustenta que a Igreja não se identifica com o Reino de Deus, mas é toda relativa a ele (2003, p. 168-169); Vigil ressalta que o Reino de Deus antecede e sucede a Igreja (2006, p. 166); Lombardi afirma que a Igreja é um meio em relação ao Reino de Deus (1978, p. 65); para Adriano Lima, o Reino de Deus é o horizonte onde a Igreja e as religiões contemplam a necessidade de se colocar a serviço da libertação humana (2014, p. 285-286). Por isso, Geffré afirma que a missão da Igreja não é a extensão quantitativa de seus membros, mas, em diálogo com todas as pessoas de boa vontade, precisa promover o Reino de Deus que se inaugura na criação e continua a advir na história, além das fronteiras eclesiais (2013, p. 332).

Por este viés, Rahner defende que enquanto não se realiza plenamente a expectativa escatológica, a Igreja dá testemunho do Reino de Deus, como seu sacramento histórico no mundo (1974, p. 195-196). Theisen entende a Igreja como um sacramento do Reino, ou seja, como um sinal visível da graça invisível que atua para além de si mesma, enquanto expressa uma inteligibilidade privilegiada da riqueza multiforme do mistério de Deus (1976, p. 134). Sesboüé ressalta que a Igreja é um sacramento fundado, relacionada com o Reino de Deus, não de forma imediata, mas por meio de Cristo (1994, v. 2, p. 323). Küng afirma que a Igreja está submetida e limitada ao advento do Reino de Deus (1969, p. 127). Essas afirmações levam a centrar toda a atenção na pessoa de Jesus Cristo que, segundo Batalioto, é o Logos encarnado que torna o Reino de Deus presente e eficaz no mundo (2015, p. 55). Para que a Igreja seja fiel à sua missão de anunciar e testemunhar o Reino de Deus, precisa descentrar-se de si mesma, ciente de não possuir o monopólio da graça salvífica, a fim de estar totalmente centrada em Cristo e no seu Reino. É necessário salientar que o único plano divino da salvação abarca todo o universo, e a missão da Igreja se insere dentro desse plano universal.

Jeremias sustenta que a incorporação dos pagãos – não-judeus – no Reino de Deus é um evento constitutivo da história da salvação (1956, p. 63). Compreender a dinâmica da religião à luz do Reino de Deus, leva



a uma abertura e ampliação de perspectiva. Legrand lembra que Jesus se admira com a fé de um pagão (Mt 8,10) e afirma que muitas pessoas, de contextos histórico-culturais diferentes, serão admitidas no Reino de Deus (Mt 8,11-12) (1989, p. 71-96). Dupuis reforça essa perspectiva afirmando que os crentes de outras religiões, quando ouvem o apelo de Deus e o põem em prática em sua própria religião, já se tornam membros efetivos do Reino de Deus, mesmo sem o saber (1993, p. 116). Song defende que essa é uma dinâmica escatológica em curso na história (1993, p. 24-38). É por isso que todos, cada um ao seu modo, podem contribuir para a manifestação do Reino de Deus.

Para Geffré, Deus escreve uma história da salvação cuja plenitude tende para o Reino de Deus, mesmo que as pessoas não tenham consciência disso. É na história do mundo que o Reino de Deus se torna presente, onde quer que se acolha a comunicação da sua graça. Geffré defende que após o Concílio Vaticano II, com a afirmação do valor salutar das religiões não cristãs, é possível afirmar, sem mais esquivas, que os membros das outras religiões que respondem positivamente ao apelo de Deus, em virtude das luzes de sua consciência, integram o Reino de Deus já presente como realidade histórica. Certamente, essa afirmação, fruto de uma longa caminhada do pensamento teológico e magisterial, ainda precisa ser aprofundada e desenvolvida. Geffré acredita que cristãos e não cristãos, na medida em que colaboram na construção do Reino de Deus, contribuem para a promoção do único desígnio de Deus para a humanidade, sendo possível fazer parte do Reino de Deus sem necessariamente fazer parte da Igreja. Os valores do Reino de Deus se fazem presentes na vida das pessoas na medida em que estas se abrem à ação do Espírito Santo, praticando os valores evangélicos, mesmo que fora da realidade eclesial. Nesse sentido, Geffré acredita que toda vez que as pessoas de boa vontade trabalham para o estabelecimento da paz, da justiça, da liberdade e da fraternidade, contribuem misteriosamente para o advento do Reino de Deus na história (2013, p. 78-80).

2 βασιλείο του θεού como centro da pregação pública de Jesus

A expressão Reino de Deus/Reino dos Céus – *βασιλείο του θεού/ βασιλείο των Ουρανών* – presente nos Evangelhos sinóticos, designa o domínio de Deus. Os evangelistas se referem continuamente a essa expressão como conteúdo central da pregação de Jesus: Marcos, treze



vezes; Mateus, vinte e sete vezes; Lucas, doze vezes. Também João faz duas vezes ressonância a essa questão. Com o conceito de *Bασιλεία* os Evangelhos sinóticos resumem a essência da pregação pública de Jesus de Nazaré (Mc 1,15; Mt 4,23; 9,35; Lc 4,43; 8,1; 9,2.60). Esse elevado número de referências é um dos elementos que leva a confirmar ser este o tema prioritário da missão de Jesus (Jeremias, 2008, p. 77-160). Cada evangelista enriquece a compreensão da mensagem do Reino de Deus a partir de seus elementos programáticos, contribuindo para uma interpretação mais ampla sobre o tema.

Em Mateus, a ênfase é ética. Isso porque a entrada no Reino de Deus, que permanece uma realidade escatológica, e não deve ser confundida com a Igreja, está ligada ao respeito a certas exigências éticas, como ultrapassar a justiça dos escribas e dos fariseus (Mt 5,20), fazer a vontade do Pai (Mt 7,21), converte-se e tornar-se como criança (Mt 18,3), não matar (Mt 5,21), entre outras atitudes fundamentais que exigem uma mudança de atitudes. No tangente a como o Reino de Deus é abordado por Mateus, Eicher sustenta que este

mantém de maneira carregada de tensões a justaposição do “já era” e “ainda não” para a comunidade dos que creem em Cristo. Embora Jesus outorgue plena autoridade escatológica aos seus discípulos – Pedro possui as “chaves do Reino dos Céus” segundo Mt 16,19 –, não podem, contudo, ter a pretensão de realizar já aqui e agora a separação de joio e trigo (Mt 13,24-30.36-43). Mateus, que como nenhum dos evangelistas proclama o cumprimento das esperanças de Israel em Jesus Cristo, frisa ao mesmo tempo a abertura da mensagem de Jesus a todos os homens (Mt 28,18-20), pelo que ela adquire perfil de abrangência de todo o mundo e, portanto, não mais deve ser considerada individualmente apenas: Jesus julgará como Rei dos povos (Mt 25,31s) de acordo com o critério da justiça social (Mt 15,34ss) (1993, p. 768).

Em Lucas, no Evangelho e em Atos dos Apóstolos, a ênfase predomina na apresentação do Reino de Deus como objeto de pregação ou de ensinamento: “Entrando, então na sinagoga, durante três meses, falava com firmeza, discutindo e persuadindo a respeito do Reino de Deus” (At 19,8), sendo a tendência dar ao vocábulo um sentido amplo e vago: o fato cristão ou a religião cristã. Lucas marca, assim, a continuidade entre o tempo de Jesus (Lc) e o tempo da Igreja (At). Sobre a concepção de Reino de Deus no evangelista Lucas, Eicher afirma que este



fez história sobretudo com o dito do entòs hymôn (Lc 17,21). Uma interpretação interiorista espiritualizante (“em vossos corações”) não lhe faz justiça, pois como teria Jesus podido dizer aos fariseus, que nele não criam, que o Reino estava “dentro de vós”? Pelo contrário, Lc 17,21 deve ter significado de imediato o próprio Jesus “no meio de vós” (cf. Lc 11,20) e em seguida apontado para a irrupção do Reino já a acontecer, para os olhos que veem, no meio do mundo (1993, p. 768).

Em João, só há duas afirmações referentes ao Reino de Deus: “Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer do alto, não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3,3); e “Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer de água e Espírito, não pode entrar no Reino de Deus” (Jo 3,5). Não obstante, os valores semânticos do tema se encontram amplamente no vocabulário da “vida eterna”, com o qual João estabelece conexões nítidas como faz a tradição sinótica (Jo 3,36; Mc 9,43-47; Mc 10,17-31). A respeito de João, especificamente no livro do Apocalipse, Eicher sustenta que João

voltou com insistência o olhar para a consumação definitiva do Reino de Deus e no presente ressalta sobretudo o aspecto da luta final, que abrange o cosmos inteiro, entre o Reino do Cordeiro (= Cristo) e do Anticristo, a personificação de todos os poderes antidivinos no mundo. Como fase prévia, que se realiza neste mundo, do Reino, introduz-se em Ap 20,1-6 o reino de mil anos de Cristo juntamente com os homens ressuscitados. Visto que esse millenarismus não pressupõe a morte de todos os homens antes da vinda de Cristo, Ap 20,1-6 pode ser lido como espera para breve de um reino de mil anos, no qual estejam inseridos também os que vivem no presente – sobretudo Ap 5,10 parece apoiar semelhante interpretação. Apesar do abuso, que se fez do milenarismo até o nosso século, também essa presença “quiliástica” do NT é irrenunciável, pois ela conserva viva a ansiedade por relações mais justas na história – mantendo-se toda a ressalva de que a consumação só vem através do agir de Deus (1993, p. 769).

O tema do Reino de Deus constitui o núcleo da pregação do Jesus histórico. É um tema que implícita ou explicitamente está presente na maioria das parábolas² de Jesus, embora este não se posicione claramente

² O jeito típico de Jesus se comunicar, segundo os Evangelhos sinóticos, era através de parábolas. “Parábola é um gênero literário de origem semita. Trata-se de uma metáfora desenvolvida em forma de narrativa. Ela contém uma única mensagem, e seu sentido está no conjunto, sem a necessidade de identificar cada um dos elementos” (Evangelhos [...], 2011, p. 83, nota b).



sobre o mesmo, definindo-o. Na pregação de Jesus, o Reino de Deus apresenta alguns traços dominantes, a saber: o Reinado como atividade, a salvação, a bipolaridade “presente-futuro”, e a relação entre Cristo e o Reinado (Lacoste, 2004, p. 1501-1503). No que diz respeito ao Reinado como atividade, deve-se ter presente que o Reinado de Deus não é um conceito espacial ou estático, mas um conceito dinâmico. Significa a soberania real de Deus em ação, “primeiramente como oposta à soberania real humana, mas também a seguir como oposta a toda soberania no céu e na terra” (Jeremias, 2008, p. 162). Sua principal marca é a de que Deus está realizando o ideal da justiça real, sempre ansiado, mas nunca cumprido na terra. Enquanto salvação, em oposição e tensão ao tema do juízo, o Reino é a categoria salvífica por excelência, utilizada por Jesus. Deus toma o poder para socorrer e cumular os pobres. É o que se verifica em Mateus: “bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3)³; e em Marcos: “é mais fácil um camelo passar pelo buraco da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mc 10,25). O mesmo se dá para com as crianças e os que se assemelham a elas: “vendo isso, porém, Jesus se indignou e lhes disse: ‘deixai as crianças virem a mim, não as impeçais, pois o Reino de Deus é deste tipo de pessoas. Em verdade eu vos digo: quem não acolher o Reino de Deus como criança, absolutamente não entrará nele’” (Mc 10,14-15). Essa salvação também é concedida ao pequeno rebanho dos discípulos: “não temas, pequeno rebanho, porque o vosso Pai achou bom dar-vos o Reino” (Lc 12,32).

Sob o aspecto temporal, a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus se caracteriza pela bipolaridade entre “presente-futuro”. Que o Reino de Deus já está sendo concretizado no presente⁴, isso se verifica em: “Mas, se eu expulso demônios pelo dedo de Deus, então já chegou até vós o Reino de Deus” (Lc 11,20); também em: “Interrogado então pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus lhes respondeu: ‘O Reino de Deus não vem com ostentação, nem se dirá:

³ Cabe destacar que, conforme Jeremias, nos Evangelhos, as expressões “Reino de Deus” e “Reino dos Céus” fazem referência à mesma realidade (2008, p. 161).

⁴ Jeremias apresenta uma observação pertinente em relação à essa dimensão e suas implicações na interpretação de Bultmann: “O Evangelho de João sublinha com ênfase especial o ‘já agora’ da proclamação de Jesus. ‘Vem a hora e é agora’ em que os espiritualmente mortos serão suscitados para a vida (Jo 5,25) e na qual Deus será adorado em espírito e em verdade (Jo 4,23). É tão dominante a escatologia já presente no quarto evangelho que Bultmann chega a dizer que nele não há nenhum lugar para a escatologia futura” (Jeremias, 2008, p. 168-175).



‘Ei-lo aqui!’ ou ‘Ei-lo ali!’ De fato, eis que o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,20-21); ainda, em: “Mas, desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência e os violentos o usurpam” (Mt 11,12). Pertence ao futuro, enquanto realidade escatológica e cumprimento das promessas divinas. Essa dimensão futura é afirmada em: “venha o teu Reino” (Lc 11,2), na oração do Pai-Nosso; e em: “é melhor para ti entrares no Reino de Deus com um olho só do que, tendo dois olhos, seres jogado na geena” (Mc 9,47); e também nas bem-aventuranças: “Bem-aventurados vós, ó pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20).

Com base na continuidade fundamental do agir divino, nota-se que o futuro já irrompeu no presente e o afeta com sua qualidade escatológica. Nesse sentido, cabe destacar uma parábola que explicita esse paradoxo da bipolaridade temporal “presente-futuro” do Reino de Deus que se expressa na dinâmica da semente, conforme o Evangelho de Marcos (4,26-30), onde Jesus afirma: “assim é o Reino de Deus: como um homem que joga a semente na terra. Quer ele durma, quer desperte, noite e dia, a semente germina e cresce”. E continua: “Como, ele não sabe. Por si mesma, a terra frutifica: primeiro a planta, em seguida a espiga, e em seguida a espiga cheia de grãos. E, quando o fruto está pronto, imediatamente passa-se a foice, porque chegou a colheita”. No que tange a essa parábola, salienta-se que ela apresenta o Reino de Deus como um mistério: “nos tempos de Jesus, o agricultor não sabia como e porque a semente, em vez de desaparecer no solo, germinava e crescia. Igualmente, o Reino de Deus é uma realidade que cresce apesar das circunstâncias adversas” (Evangelhos [...], 2011, p. 84, nota c). No que diz respeito ao Reino em sua dimensão presente, pode-se ver na palavra e na ação salutar de Jesus o impacto da vinda de Deus. Isso se deve à proximidade de Jesus com Aquele a quem chama de “Pai”.

Tanto exegetas, quanto cristólogos, comumente concordam que o centro da mensagem de Jesus consiste em anunciar e ensinar sobre o Reino de Deus. O Reino é o compêndio da mensagem evangélica. Isso significa que, para Jesus, o essencial de sua mensagem não diz respeito à sua própria pessoa, mas ao Reino de Deus. Em outras palavras, importa para Jesus que as pessoas compreendam “como pode cada um relacionar-se com Deus” (Tamayo, 2009, p. 467). Jesus não é um filósofo que teoriza sobre o ser ou a natureza de Deus; mas, sim, um profeta que se interessa, sobretudo, pelas mediações por meio das quais os seres humanos podem



encontrar o verdadeiro Deus. Frequentes vezes travam-se embates entre religiosos para salvaguardar determinado conceito de Deus. Esse é um dos perigos de centralizar o interesse da teologia sobre uma ideia de Deus, e não sobre o Reino de Deus. É por esse motivo que, para muitas pessoas “Deus não é nem boa notícia nem fonte de felicidade e esperança, enquanto que o Reino de Deus é sempre ‘boa notícia’. Identifica-se com o Evangelho” (Tamayo, 2009, p. 467). Nesse sentido, pode-se afirmar que o Reino de Deus é uma situação a ser criada nas relações entre os seres humanos. Trata-se de uma mudança que se dá entre os seres humanos, sob a ótica divina.

Conclusão

No centro da pregação de Jesus está o tema do Reino de Deus. Ainda mais, pode-se afirmar que o próprio Jesus de Nazaré é a personificação do Reinado de Deus. A respeito disso, Moiola afirma que “o Reino de Deus, que se concretiza em Jesus, aguarda a decisão do homem: de todos os homens; de cada indivíduo humano” (1994, p. 78). O Reino de Deus anunciado e testemunhado pela pessoa de Jesus requer um posicionamento. Diante da pessoa de Jesus Cristo e do anúncio do Reino de Deus, se faz necessário tomar uma decisão existencial fundamental. “Isso é comprometedor, pois requer uma adesão pessoal, cuja consequência implica em uma mudança de mentalidade e atitudes, que deve se refletir nas relações com o próximo como uma resposta decidida ao advento do Reinado de Deus” (Gomes, 2018, p. 178-179). Não há como ficar indiferente diante do Reino de Deus.

Além disso, é preciso ter em conta que “Cristo anunciou, em um contexto extremamente crítico, o Reinado de Deus como a manifestação da paz” (Gomes, 2018, p. 181). O Reino de Deus ocorre em meio às contradições da história, em seus altos e baixos, com seus inúmeros desafios. Há consequências sérias em assumir a mensagem do Reino de Deus e tudo o que ela comporta, como ocorreu com Jesus. “Toda a vida e a pregação de Jesus têm como foco o Reinado de Deus. A conflitividade na vida de Jesus se dá em torno do Reinado de Deus, seja no anúncio, nos sinais ou no seu estilo de vida” (Gomes, 2018, p. 189). Nesse sentido, o Reino de Deus expressa toda a mensagem e todo o posicionamento de Jesus diante das injustiças deste mundo, convocando todas as pessoas de boa vontade a colaborarem em prol de uma sociedade mais justa e fraterna.



Referências

- AMATO, Angelo. Il dialogo ecumenico e interreligioso: il cammino del magistero dal concilio Vaticano a oggi. *Revista di Teologia dell'evangelizzazione*, Bologna, n. 28, p.13-32, 2010.
- BATALIOTO, Marcelo. *A cristologia do Reino de Deus: contribuições para o diálogo inter-religioso*. Tese (Doutorado em Teologia) – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CASTILLO, José Maria. *La humanización de Dios: ensayo de cristología*. Madrid: Trotta, 2009.
- DODD, Charles Harold. *Las parábolas del Reino*. Trad. Alfonso de la Fuente. Madrid: Cristiandad, 1974.
- DUPUIS, Jacques. L'Église, le Règne de Dieu et les autres. *Revue de l'Institut Catholique de Paris*, Paris, n. 46, p. 95-119, abr./jun. 1993.
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais em Teologia*. Trad. João Rezende Costal. São Paulo: Paulus, 1993.
- EVANGELHOS e Atos dos Apóstolos. Novíssima tradução dos originais. Trad., intr. e notas Cássio Murilo Dias da Silva; Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2011.
- FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. Trad. Maurício Ruffier. São Paulo: Loyola, 1988.
- GALOT, Jean. Pregou Jesus Reino de Deus “político”? Que projeto de sociedade fraterna teve em mira? *Cultura e fé*, Porto Alegre, n. 4, p. 15-45, 1979.
- GEFFRÉ, Claude. *De Babel à Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. Trad. Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013.
- GOMES, Tiago de Fraga. Jesus Cristo como revelação da justiça e da paz. *Reflexus*, Vitória, v. 12, n. 19, p. 177-197, 2018.
- GRILLI, Massimo. Gesù e l'annuncio del Regno. *Parola, Spirito e Vita*, Bologna, n. 65, p. 91-103, 2012.



HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

HAMMES, Érico João. *Filii in Filio: a divindade de Jesus como Evangelho da filiação no seguimento*. Um estudo em J. Sobrino. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1995.

JEREMIAS, Joachim. *Jésus et le païens*. Trad. Jean Garrère. Neuchâtel; Paris: Delachaux et Niestlé, 1956.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

KASPER, Walter. *Il Dio di Gesù Cristo*. 9. ed. Trad. Dino Pezzetta; Gianni Francesconi. Brescia: Queriniana, 2011.

KÜNG, Hans. *La Chiesa*. 4. ed. Trad. Eliseo Ruffini. Brescia: Queriniana, 1969.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. Trad. Paulo Meneses [et. al.]. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.

LEGRAND, Lucien. *Il Dio che viene: la missione nelle Bibbia*. Roma: Borla, 1989.

LIMA, Adriano Sousa. Reino de Deus e missão no contexto do pluralismo religioso. *Reflexus*, Vitória, v. 8, n. 12, p. 271-287, jul./dez. 2014.

LOMBARDI, Riccardo. *Igreja e Reino de Deus*. São Paulo: Loyola, 1978.

MATEOS, Juan. *A utopia de Jesus*. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1994.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. 2. ed. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

MIRANDA, Mário de França. Jesus Cristo, obstáculo para o diálogo inter-religioso? *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 4, p. 243-264, 1997.

MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Trad. Nadyr de Salles Machado. São Paulo: Loyola, 2008.

MOIOLI, Giovanni. *L'“escatologico” cristiano: proposta sistematica*. Milano: Glossa, 1994.



- NITROLA, Antonio. *Trattato di escatologia*. v. 1. Milano: San Paolo, 2001.
- ORIGÈNE. *Commentaire sur saint Jean*. 7. ed. Tome I, Livres I-V. Trad. Cécile Blanc. Paris: Cerf, 1966.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. 6. ed. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Cristianesimo e società*. Trad. D. Pezzetta. Brescia: Queriniana, 1975.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Fundamentos de cristologia*. Trad. Joan Leita. Salamanca: Sígueme, 1974.
- PANNENBERG, Wolfhart. *La teologia e il Regno di Dio*. Trad. Gioglio Guala. Roma/Brescia: Herder/Morcelliana, 1971.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. v. 2. Trad. Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. v. 3. Trad. Werner Fuchs. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009.
- PIXLEY, George V. *O Reino de Deus*. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1986.
- RAHNER, Karl. Chiesa e mondo. In: RAHNER, Karl. *Sacramentum mundi*. Brescia: Morcelliana, 1974, v. 3, p. 191-218.
- RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Trad. José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta, 2007.
- SCHNACKENBURG, Rudolf. “Reino de Deus”. In: BAUER, Johannes B. (dir.). *Dicionário de teologia bíblica*. v. 2. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1988. p. 947-964.
- SCHNACKENBURG, Rudolf. *Signoria e Regno di Dio: uno studio di teologia bíblica*. Trad. Antonella Mastrandrea; Marcello Sassoli; Bruno Liverani. Bologna: Il Mulino, 1971.
- SESBOÛÉ, Bernard. *Gesù Cristo, l'unico mediatore: saggio sulla re-denzione e la salvezza*. v. 2. Trad. C. Danna. Milano: San Paolo, 1994.
- SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Trad. Epfrain F. Alves. São Paulo: Vozes, 2000.



SONG, Choan-Seng. *Jesus and the Reign of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal: Est, 2012.

TAMAYO, Juan José (org.). *Novo dicionário de Teologia*. Trad. Celso Márcio Teixeira; Antonio Efro Feltrin; Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009.

TILLESSE, Caetano M. de. Reino de Deus: aspectos histórico e social. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, n. 2, p. 42-55, 1984.

THEISEN, Jerome P. *The ultimate church and the promise of salvation*. Collegeville Minnesota: St. John's University Press, 1976.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia do movimento de Jesus*. Trad. Werner Fuchs; Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. Trad. Milton Camargo Mota; Paulo Nogueira. São Paulo: Loyola, 2002.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. Trad. Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2006.

VON SINNER, Rudolf. *Solus Christus* diante do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 49, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2019.